



Dois Dedos de PROSA

Nº89 - Recife/PE - Março/2018



Foto: Laudence Oliveira

Água é bem comum e não mercadoria

A água tá em disputa. Os senhores e as senhoras do poder sabem da sua importância e necessidade e querem transformá-la em mercadoria para ganhar muito dinheiro. As famílias agricultoras veem a água como fonte de vida e de alimentos. No meio urbano como um precioso líquido para suprir muitas necessidades da população. Neste mês de março esse bem que a natureza nos deu será debatido e disputado em fóruns aqui no Brasil. Veja reportagem nas páginas 3, 4 e 5.

Erê Rumo ao IV ENA
Página 2

A luta pela vida das mulheres
Página 6

Reciclar água para produção
Página 7

Cresceremos na luta

O ano de 2018 chega como se 2017 não tivesse terminado. Os ataques aos direitos da classe trabalhadora continuam, assim como as arbitrariedades cometidas pela Justiça brasileira. A grande mídia manipula as informações para convencer a todos/as de que as mudanças conservadoras são necessárias. A criminalização dos movimentos sociais não sai de pauta. O que a direita não entende é como ainda há resistência, luta e força para manter a dignidade e a esperança de que é possível a vitória.

Há muita coisa acontecendo e juntando os povos, as ideias e as buscas de saída. No Brasil dois eventos importantes reúnem representantes de diversos países para tratar das mazelas que o capitalismo continua semeando no planeta. O 13º Fórum Social Mundial e o Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA). O Fórum Social veio para Salvador-BA. Intolerância religiosa e racial, violência contra pobres, mulheres e negros são pautadas nesse Fórum Mundial.

O FAMA acontece em Brasília, paralelo ao Fórum Mundial da Água, realizado pelas corporações que querem tornar a água uma mercadoria. A água é um bem comum, um direito humano e deve ser gerida pelo seu próprio povo, para que o acesso seja universalizado.

Ainda temos o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) chegando aí. Então, a nossa esperança continua de pé e firme, pois em cada canto mulheres, homens, jovens, todas as gerações, engrossam as fileiras da resistência. Sigamos!

Recife recebe **Erê Nordeste** Encontro é marco da mobilização para o IV ENA

Por Laudence Oliveira



Representantes dos estados do Nordeste se preparando para o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) que será em MG

Foram dois dias de encontro com as realidades do Nordeste, com as experiências agroecológicas dos territórios, troca de saberes e construção de outros, além de alegria, música e poesia. Assim foi o Erê Nordeste que aconteceu no final de fevereiro, no Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no Recife. Uma realização da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), com o apoio das Universidades Federal e Rural-PE, da Associação de Docentes da UFRPE e o do BNDES. O evento reuniu cerca de 170 pessoas, a maioria agricultores/as e é um preparatório ao IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), que acontecerá em maio em Minas Gerais.

“O Erê Nordeste é um marco histórico no movimento agroecológico. Talvez essa seja uma das regiões do Brasil onde estão mais claramente expressas as conquistas dos movimentos sociais em função das suas lutas, das suas reivindicações”, afirma Denis Monteiro da secretaria Executiva da ANA. “Acho que o Nordeste tem muito a ensinar para o Brasil sobre processos de mobilização social” completa Denis.

“O Erê conseguiu expressar a riqueza e a diversidade da construção da Agroecologia aqui no Nordeste. Foi um encontro muito rico, mesmo com a conjuntura meio adversa, a gente conseguiu se energizar, revigorar as forças”, avalia Giovanne Xenofonte, um dos organizadores do Erê. ■

Apoio: **MISEREOR**
DHR HILFSGEMEINSCHAFT

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50050-080 – Fone/Fax: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br – DIRETORIA - Presidenta: Joelma Pereira. Vice-presidente: Kurt Habermaier. Secretário: Flávio Duarte. Conselho Fiscal: Alaíde Martins, Edna Maria e Tone Cristiano. COORDENAÇÃO - Coordenação Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenador Técnico Pedagógico: Carlos Magno de Medeiros Moraes. Coordenadora Administrativo Financeira: Vânia Luiza Silva. EQUIPE DE TRABALHO: Aniérica Almeida, Ana Lúcia, Calandro Daniel, Darlilton Lima, Davi Fantuzzi, Demetrius Falcão, Dilene Nicolau, Germana Vila, Gideão Patrício, Gustavo Henrique, Hesteólivia Shyrley, Iran Severino, Ivanildo Carneiro, Janaina Ferraz, Juliana Peixoto, Júlio Valério, Jullyana Lucena, Maria Edneide, Natália Porfírio, Nicléia Nogueira, Pedro Eugênio, Raimundo Daldemberg, e Rivaneide Almeida. GERÊNCIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA: Verônica Batista. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Laudence Oliveira (DRT/PE – 2654). EDIÇÃO: Laudence Oliveira. NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Maria Cristina Aureliano. O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: ActionAid, Cáritas Suíça, terre des hommes, ministérios do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária (Sara)/Secretaria Executiva de Agricultura Familiar (Seaf)-PE. PROJETO GRÁFICO: Alberto Saulo. DIAGRAMAÇÃO: Thiago Almeida. IMPRESSÃO: Speed Gráfica. TIRAGEM: 2.000 (dois mil) exemplares.

Um Fórum em defesa da Água

O Fórum Alternativo Mundial da Água é pelo direito e universalização do acesso à água

Por Laudence Oliveira



FAMA 2018 FÓRUM ALTERNATIVO MUNDIAL DA ÁGUA

O Fórum Alternativo Mundial da Água (Fama) que acontece em Brasília na segunda quinzena de março, é uma organização da sociedade civil que defende que a água é um bem comum, um direito humano e não uma mercadoria para gerar lucro para grandes empresas. Ativistas de movimentos sociais e sindicais do Brasil e do exterior se reúnem em Brasília para se contrapor ao Fórum Mundial da Água, que realiza sua 8ª Edição aqui no Brasil, organizado pelo Conselho Mundial da Água, e que serve de balcão de venda das fontes de água do mundo inteiro a corporações como Nestlé e Coca-cola.

“O Fama pode cumprir um papel importante, porque é um Fórum alternativo, tem um conjunto de organizações e organismos internacionais que têm a preocupação com a água e a água é um tema importante para 100% do planeta”, explica Antônio Barbosa da Articulação Semiárido (Asa Brasil), uma das articulações que faz parte da coordenação nacional do Fama. Ele observa que esse Fórum não é financiado por corporações que têm interesse econômico nas fontes de água. “É importante dizer que é um Fórum garantido pelas pessoas e pelas organizações. Então, ele cumpre um papel importante e todo mundo que puder deve ir participar”, ressalta.

Estado e sociedade civil devem ser **guardiões da água**

Em todo o mundo meio milhões de pessoas morrem por ano devido ao consumo de água contaminada. Isso é provocado pela ação destruidora das atividades humana que desmata, polui rios e nascentes com uso de agrotóxicos, que não tratam os sistemas de abastecimentos de água e esgotamento sanitários. A apropriação da água para fins comerciais é desumana e agrava a escassez dela no mundo com sua má distribuição e gestão.

No documento de chamamento dos povos para participarem do Fama é ressaltada a defesa da água como bem comum. “Coletivamente rejeitamos o controle das empresas privadas sobre o patrimônio natural que é a água... Entendemos que é nosso dever e obrigação protestar contra a apropriação do mercado sobre um direito humano fundamental”, diz o documento. O coletivo do Fama defende que a universalização e o acesso a água com qualidade é dever do Estado com o controle social.

Enquanto em muitos países a privatização das águas estão sendo revertidas como nos estados Unidos, Alemanha, França, Bolívia Argentina, o Brasil quer privatizar para contemplar o agronegócio e as grandes empresas. O Fama questiona essa postura dos dirigentes brasileiros. “Esperamos que o Fama consiga elaborar, denunciar o que tá sendo tramado e apresente propostas para fortalecer as alternativas de uso coletivo da água, desse bem público”, ressalta Antonio Barbosa. ■

Alguns objetivos do **FAMA**

- Sensibilizar e mobilizar a população sobre a problemática da água e do saneamento;
- Denunciar a ilegitimidade do 8º Fórum Mundial da Água e responsabilizar governos pelo uso de recursos público para promover interesses privados;
- Propor e cobrar ações para os governos, visando políticas públicas de pleno acesso à água e ao saneamento.

Água não é mercadoria

É um bem comum e um direito humano necessário para toda a vida que pulsa no planeta

Por Laudence Oliveira



Famílias agricultoras são penalizadas com a investida do agronegócio para tomar conta das fontes de água no Brasil

A água é um bem comum, um direito humano e um bem necessário para que as vidas continuem existindo. Sem ela a vida não segue. Há até quem diga que a água será motivo de uma terceira guerra mundial. Pode ser, pois o capitalismo tem feito muito para se apoderar desse bem e torná-lo uma mercadoria. No Brasil, a disputa pela água tem deixado rastro e conflitos em diversos territórios. Diversas são as causas da luta pela água, pela democratização dela, pelo direito de tê-la para suprir as diversas necessidades.

O Brasil detém 12% da água doce disponível no planeta. A população mundial é um pouco mais de 7 bilhões de habitantes, desses 2 bilhões não têm água

disponível. A água, suas fontes, sua gestão, é pauta mundial. Este ano o Brasil sedia o Fórum Mundial da Água, que acontece em Brasília, na segunda quinzena de março, organizado pelo Conselho Mundial da Água e que vai reunir representações políticas e econômicas do mundo inteiro. "Esse fórum na verdade, é uma banca de água. É lá onde as grandes empresas discutem onde é que tem água disponível no planeta e como usar essa água", observa Antônio Barbosa da Articulação Semiárido (ASA Brasil). De acordo com Barbosa, nesse espaço, o que o Brasil vai fazer é colocar a venda as nossas fontes de água, como por exemplo o aquífero Guarany.

A preocupação, é que o governo aproveite o momento para leiloar nossos recursos hídricos. "Já existem vários indícios sobre isso, inclusive o interesse da Coca-cola e da Nestlé, dessas duas corporações, de se apropriarem das águas. E, o Brasil ainda é um país que tem água, apesar do conjunto da população não ter", explica Antônio Barbosa. "O que é a privatização da Chesf e da Eletrobras, senão querer privatizar o rio São Francisco? Privatizar o São Francisco, os rios que temos será um grande problema. O debate da água além de ser atual, precisamos fazê-lo todos os dias, porque a água é um direito. A água é um bem público que não pode ser considerado como mercadoria", sentencia Barbosa.

Os conflitos por água no Brasil

Dados do *Relatório Conflitos no Campo Brasil 2016*, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) dão conta que aumentou em 27% o número de conflitos pela água entre 2015 e 2016. São 172 casos espalhados pelo Brasil, envolvendo 44 mil famílias, segundo o relatório da CPT. O documento também aponta que os principais causadores desses conflitos são as mineradoras, as hidroelétricas e o agronegócio (fazendeiros e empresas). Juntos, eles respondem por 93% dos conflitos registrados.

O Nordeste ocupa o segundo lugar dentre as regiões com maior número de conflitos por água. Somente a Bahia foi responsável por 57% dos conflitos, contabilizando 24 casos. Em primeiro lugar vem o Sudeste, considerando o desastre de Mariana, em Minas Gerais, que desencadeou diversas situações conflituosas. Já os principais atingidos por esses conflitos são os ribeirinhos/as, pescadores/as, agricultores/as familiares, indígenas, atingidos por barragens e quilombolas, entre outros.



Foto: Laudénice Oliveira

Povos indígenas de todo o país sofrem com os conflitos por água, território e respeito a sua cultura e identidade - Na foto, lideranças Xokó de Sergipe

Chapada do Apodi,

é uma região limítrofe entre o Ceará CE e o Rio Grande do Norte (RN), que também entra na rota de grandes conflitos por água. Lá, grande parte deles é gerado pela implantação dos perímetros irrigados, bancado pelo próprio governo federal. “Os conflitos que foram gerados ali, foi depois da implementação do perímetro irrigado, que atraiu muitas empresas do agronegócio, que começaram a usar a água do perímetro e fazer perfuração de poços profundos. Isso acabou atrapalhando a perfuração mais curta dos agricultores que usavam essa água e que foi ficando sem ela”, explica Luana Braz de Lima do Núcleo de Trabalho, Meio ambiente e Saúde da Universidade Federal do Ceará, do TRAMA. Luana diz que além do impacto causado pelas perfurações de poços, tem a contaminação da água pelo uso intensivo de agrotóxicos. “Na parte do Ceará, tinha pulverização aérea, que contaminava tudo. Começaram a ter muitos casos de câncer, abortos, crianças nascendo com mal formação”, completa ela.

Morte e convivência do Estado

Na Chapada do Apodi (CE/RN) os conflitos e a resistências das famílias agricultoras por ter água, terra, saúde e condições de trabalho já ceifou vidas. Todo 21 de abril o Movimento M21 realiza a semana Zé Maria. Zé Maria foi uma liderança assassinada no dia 21 de abril de 2010. “Ele era um líder comunitário que denunciava o uso dos agrotóxicos pelas empresas, e, principalmente como isso atrapalhava a agricultura familiar”, explica Luana Braz do TRAMA-UFCE.

Sem a organização das famílias agricultoras e as parcerias com as organizações não governamentais e a Universidade, a situação poderia ficar bem pior. Para pautar as questões relativas a água, criaram o Comitê Popular das Águas para fazer a resistência, já que o Comitê Hidrográfico da Bacia não tinha uma gestão democrática. Os governos, tanto estadual, municipal e federal não agilizam nem atuam de forma coerente para tratar dos conflitos nesse território. “A gente

percebe que o Estado tem funcionado como aliado das empresas. Eles facilitam muito a estadia das empresas no território e dificultam o trabalho do agricultor. É isso que a gente tem percebido, o Estado como um braço do capital, o braço do agronegócio”, denuncia Luana. “É importante reiterar que a água e a terra são bens comuns que os agricultores tão fazendo essa resistência para manter esses bens”, finaliza. ■

A luta é **pela vida das mulheres**

Ferramentas jurídicas como as leis do Femicídio e a Maria da Penha são importantes no Brasil para coibir a violência contra mulher

Por Sara Brito



Foto: Laudnice Oliveira

Leis Maria da Penha e do Femicídio

“
Não é normal, não é natural que as mulheres sofram violência só porque são mulheres.
”

Junto à Lei Maria da Penha que, desde 2006, aumenta o rigor das punições sobre crimes domésticos e familiares praticados contra mulheres, a Lei do Femicídio é importante para tirar da invisibilidade o problema e dimensionar a violência contra as mulheres no País. “Eu acho que esses avanços trazem um resultado importante para a sociedade, pois desnaturaliza o problema da violência. Não é normal, não é natural que as mulheres sofram violência só porque são mulheres”, aponta Graciete.

Apesar dos mecanismos jurídicos que combatem a violência contra a mulher, os números ainda são alarmantes e algumas mulheres são ainda mais afetadas do que outras, como as mulheres negras e pobres. “Vivemos um momento de acirramento das desigualdades sociais, econômicas e de gênero. Tempos mais desiguais, de mais desemprego, de mais violência, de mais acirramento dos pensamentos, de polarização. E as mulheres são as principais vítimas disso”, finaliza ela. ■

Mulheres de Pernambuco ocuparam as ruas no 8 de março. No Brasil inteiro aconteceram mobilizações

Para muitas mulheres, o dia 8 de março não representa um dia de comemoração, mas sim um dia de luta, de união e de lembrar que o machismo e a misoginia (o ódio às mulheres) ainda existem com muita força na nossa sociedade. Muitas mulheres são vítimas desse ódio construído socialmente e morrem apenas por serem mulheres. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2016, houveram 49.497 casos de estupro e 4.657 registros de mulheres assassinadas no Brasil. Em média, esses números correspondem a 135 casos de estupro e 12 assassinatos de mulheres por dia. Segundo o Mapa da Violência de 2015, 51% das mulheres assassinadas no Brasil morrem de

forma extremamente violenta; 50,3% dessas mortes são cometidas por familiares; e 33,2% desses são parceiros ou ex-parceiros.

“O feminicídio é um crime que está relacionado ao ódio, não é um evento isolado. Na verdade, ele está enraizado no patriarcado, na violência contra às mulheres pela condição da ameaça que as mulheres trazem à concepção de que os homens têm privilégios e têm um poder maior sobre elas”, diz Graciete Santos, coordenadora geral da Casa da Mulher do Nordeste. O feminicídio desde 2015 passou oficialmente a fazer parte do Código Penal brasileiro como agravante do homicídio, podendo ter penas mais duras.

Reciclar a água do banho e da pia

Reuso da água cinza para produzir alimentos para pequenos animais no Sertão de Pernambuco envolverá 100 famílias

Por Carlos Magno



Foto: Janaina Ferraz

A água da lavagem da louça receberá tratamento para ser reutilizada na plantaçã do quintal da casa

Em janeiro deste ano, o Centro Sabiá e o Caatinga iniciaram um projeto em parceria com a Cáritas Suíça. A iniciativa envolve cem famílias dos Sertões do Pajeú e do Araripe, em Pernambuco. O foco da ação é o enfrentamento às mudanças climáticas e a desertificação. A estratégia é a construção de tecnologias de reuso de águas cinza, no caso, as águas de uso da

casa – de pias e banho. Elas serão filtradas e reutilizadas para a produção de alimentos para os animais.

As mudanças climáticas e a desertificação afetam diretamente as famílias agricultoras do Sertão pernambucano. Elas sofrem com a diminuição gradativa das chuvas, a degradação e a infertilidade dos

solos. O gráfico abaixo mostra uma média, por décadas, das chuvas em duas cidades das regiões onde o projeto será desenvolvido.

Num intervalo de 40 anos, a queda do índice pluviométrico é significativa. A situação ainda é mais severa, sobretudo, quando se observa a variabilidade das chuvas nesse período, já que elas deixaram de ser previsíveis e passaram a ter um caráter mais aleatório. Aquele dito popular de “plantar em São José e colher em São João” já não tem tanta validade.

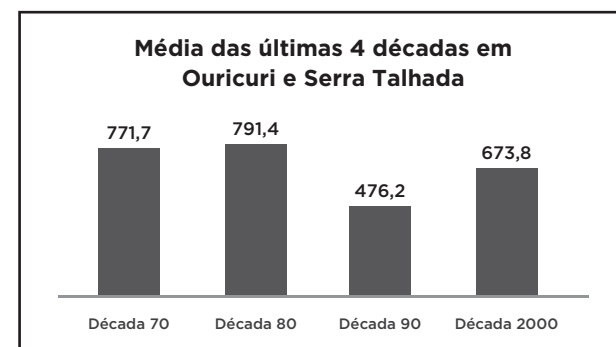


Gráfico produzido pelo autor

Reuso da água cinza e criação animal

O projeto de reuso das águas cinza vem junto com os Sistemas Agroflorestais (SAFs). A proposta também é de potencializar a criação de animais de pequeno porte, já que é uma das atividades de grande importância para as famílias agricultoras do Semiárido, mas se prejudica com os períodos de estiagem prolongada. A falta de alimento nesses períodos leva a morte dos animais e para

não perder tudo as famílias vendem as criações por não ter como alimentá-las durante a estiagem.

Essa parceria também vai viabilizar um estudo científico sobre a relação entre qualidade da água do reuso e a produção de alimentos para os animais. Vai gerar conhecimentos importantes para serem apresentados aos governos e gestores

públicos, na perspectiva de que sejam replicados como políticas públicas.

No Sertão do Pajeú, as 50 famílias já começaram a ser selecionadas. A prioridades são mulheres chefes de família que possam se apropriar dessas tecnologias e também possam ser multiplicadoras e responsáveis por fazer incidência política junto com o Centro Sabiá e o Caatinga. ■

QUER
AJUDAR O
CENTRO SABIÁ?



DOAR:
UM GESTO DE
SOLIDARIEDADE
E CONFIANÇA

Caixa Econômica Federal

Banco Número: 104

Agência: 0923

Operação: 013

Conta Poupança: 17341-0

CNPJ: 41.228.651/0001-10

Ou acesse a nossa página

www.centrosabia.org.br

Bloco pauta o **feminismo no Sertão**

Bloco feminista nasce no Carnaval do Sertão de Pernambuco

*Por Felícia Panta

No Carnaval deste ano o grito foi de basta da população brasileira. As escolas de samba desfilaram sua indignação na avenida, e a população levou suas ideologias as ruas. O bloco Xota e Baião foi mais um que utilizou do período festivo para levar para as ruas triunfenses suas ideias. O primeiro bloco feminista da cidade saiu no sábado de carnaval, com o intuito de

chamar atenção da população para o Feminismo.

O Bloco Xota e Baião desfilou com o tema Quem tem Medo do Feminismo. Durante o percurso a mulherada distribuiu panfletos, declarou o fim do patriarcado, e deu ênfase a campanha 'não é não!'.



Foto: Aracy Farias

Mulheres e homens participaram do bloco feminista de Triunfo-PE

Mulheres e Homens no desfile

Não só mulheres participaram do bloco. Os homens também estiveram presentes. O desfile do bloco chamou a atenção de todos que olhavam, pois o percurso escolhido foi muito interessante. Durante o percurso, foram feitas paradas estratégicas em lugares públicos, como praças, mercado público e até a feira livre.

Com direito a faixas, cartazes, batucada, e até estandarte, O Xota realmente instigou a população a refletir sobre as

situações machistas as quais as mulheres são expostas diariamente.

"Pra mim, foi o primeiro passo de um movimento lindo e importantíssimo aqui em Triunfo e na região, visto que as ações podem se estender, e mobilizar mulheres de vários lugares ou espaços. Acredito que a continuidade é de extrema importância, a militância tem que continuar, o Xota é apenas o início", afirma Jéssica Caetano, artista triunfense e integrante do Xota e Baião. ■

*Felícia Panta é jovem agricultora da Comissão de Jovens Multiplicadores/as da Agroecologia do Sertão de Pernambuco.

